



## A RELAÇÃO ENTRE AS TORCEDORAS DE FUTEBOL E O ESTÁDIO EM BELO HORIZONTE<sup>1</sup>

Priscila Augusta Ferreira Campos<sup>2</sup>  
Izabela Guimarães Augusto<sup>3</sup>  
Silvio Ricardo da Silva<sup>4</sup>

Partimos do princípio que o futebol, para grande parte da população brasileira, é um referencial de lazer, tanto na possibilidade do jogo quanto da assistência, e manifesta-se como uma linguagem da sociedade. Como tal, está presente no cotidiano de homens e mulheres, adultos e crianças, jovens e idosos via expressões, consumo de mercadorias relacionadas ao espetáculo futebolístico, transmissão de valores e normas sociais ou ainda na rede de sociabilidade e significados que se cria a partir do jogo.

O futebol, enquanto possibilidade de lazer, não ocorre somente dentro das quatro linhas que delimitam o campo, na disputa entre duas equipes. Se for levado em consideração o âmbito da festa, do encontro, das redes de sociabilidade, nas arquibancadas uma grande quantidade de pessoas contribui para a realização e a beleza desse espetáculo esportivo. Essas pessoas podem ser denominadas espectadores ou torcedores. Hilário Franco Júnior, define o termo *torcer* como sendo o “[...] ato de manifestar adesão entusiasmada à trajetória esportiva de um clube” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.292).

Dentre esses torcedores que frequentam os estádios de futebol, as mulheres têm ganhado maior destaque. A presença do público feminino nos jogos se dá desde as primeiras manifestações de ocorrência do esporte nas cidades e, embora vá se reconfigurando ao longo do tempo, se mantém regular e constante. Atualmente, as mulheres vêm legitimando o espetáculo futebolístico enquanto uma vivência de lazer e/ou de trabalho, contribuindo para a construção de valores e (re-) significados do futebol. No entanto, essa incorporação apresenta alguns obstáculos e preconceitos, entre os quais, a dificuldade de legitimação da mulher como cidadã que é capaz de ter um pertencimento clubístico e interessar-se pelo jogo de futebol, compreendendo-o em seus mais variados aspectos, tais como: técnico-tático, econômico, social, político, cultural, artístico, entre

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado com auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

<sup>2</sup> Mestre em Lazer, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente no Instituto Superior de Educação Superior Anísio Teixeira/Fundação Helena Antipoff.

<sup>3</sup> Graduanda em educação física pela Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>4</sup> Doutor. Docente do curso de educação física da Universidade Federal de Minas Gerais e do programa de Mestrado em Lazer.



outros. Esse quadro sucede pela construção histórica em torno do futebol e da imagem da mulher (e do homem) na sociedade.

Dessa forma, poucos são os trabalhos acadêmicos que procuram compreender a mulher enquanto torcedora e as relações (in-)tensas que são estabelecidas nesse contexto. Nessa lacuna, menor ainda é a quantidade de trabalhos que procuram verificar a presença das mulheres nos estádios de futebol, um ambiente imaginado como espaço de construção e validação de uma masculinidade hegemônica.

Assim, o nosso objetivo foi analisar a relação estabelecida pelas mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube com o estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), Belo Horizonte/MG.

Para tanto, utilizamos de entrevistas semi-estruturadas com 14 torcedoras que afirmaram sempre estarem presentes no Mineirão em dias de jogos da equipe do Cruzeiro. As entrevistadas variaram em idade, formação profissional, local de residência, condições econômicas e formas de se relacionar com o Clube.

As entrevistas apontaram que ir ao estádio é um referencial de lazer para essas mulheres e que experiências boas e más marcaram suas trajetórias no instante da estreia no Mineirão. Entretanto, algo comumente narrado entre as torcedoras que têm filhos e/ou filhas é que a ida ao estádio não foi um processo contínuo entre a primeira vez até os dias atuais, devido ao casamento e à maternidade. Elas relataram que foi apenas quando seus filhos e/ou suas filhas cresceram que elas voltaram a frequentar o estádio, pois antes não tinham com quem deixá-los/las.

Como apontado pelos estudos feministas e de gênero<sup>5</sup> a maternidade, os cuidados com a família e com a casa foram associados ao papel social da mulher e, mesmo tendo acesso ao espaço público, à educação e ao mercado de trabalho, a dupla jornada ainda lhe é colocada, o que limita o seu tempo disponível para o lazer. Entretanto, mesmo aquelas que *só* têm o trabalho doméstico, também contam com o seu tempo disponível para o lazer limitado. De acordo com os dados apontados pelo estudo de Goellner (2009) que teve por objetivo analisar a adesão e a permanência de homens e mulheres nas atividades de lazer, adotando como eixo de análise as relações de gênero, as tarefas referentes aos cuidados domésticos exigiam muita demanda, portanto, não sobrava tempo para as mulheres cuidarem de si mesmas. Assim, havia a necessidade de abrir mão do seu tempo de lazer ou então reorientá-lo para as atividades feitas com a própria família no espaço doméstico: assistir a televisão, dormir, levar o/a filho/a para passear.

---

<sup>5</sup> Para maiores esclarecimentos conferir: LOURO, Guacira L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 11ed. Petrópolis: Vozes, 2010.



Comumente as torcedoras afirmaram que o Mineirão é visto como um local bonito e imponente pela sua arquitetura e pela região da cidade onde está situado: a Pampulha<sup>6</sup>. Além disso, para muitas dessas torcedoras representa um local para desestressar, vibrar e expressar o amor ao time.

Desse modo, muitas torcedoras cantam, pulam e... falam palavrão. Fato que nos chamou a atenção durante as entrevistas foi que muitas das que assumiram falar palavrão no estádio não conseguiram reproduzir os cânticos e nem os xingamentos, durante as falas em um contexto fora do Mineirão.

Como dito por Daólio (1997) e Pimenta (1997), o estádio de futebol tornou-se um espaço de permissividade para certo tipo de violência simbólica. Com isso, algumas atitudes reprováveis dentro da sociedade são admitidas nesse espaço, como, por exemplo, o uso de palavrão pelas mulheres. Algumas entrevistadas, por sofrerem com o constrangimento simbólico ou com o peso na consciência, preferem não manifestá-los, mas a maioria se sente livre no Mineirão para expressar a sua revolta com o juiz, com os jogadores e com a própria torcida. Em meio à multidão, o anonimato é o principal conforto para o uso dos palavrões, conforme mostram os seguintes trechos.

“Eu acho bacana [ir ao estádio], é um jeito de dar uma desestressada. De falar palavrão, porque mulher não pode falar palavrão que é feio. Eles falam, a sociedade não deixa a gente ficar falando palavrão. E lá a gente pode falar (risos). Que ninguém vai ficar olhando pro’cê ‘nossa, você está falando palavrão’. (risos) Lá você pode dar uma desestressada assim. Tem até uma situação que é muito engraçada, que eu comecei a ir no Mineirão e tem aquelas partes assim quando o juiz faz alguma coisa que o povo começa, né, ‘ei, juiz, tã...’ e falando palavrão, né. E aí eu comecei, estava lá cantando toda empolgada e tal e xingando o juiz, aí estou lá, ‘p..., não sei o quê’, aí tinham umas mulheres assim na frente, elas viraram e começaram a me olhar com aquele olhar de recriminação, tipo ‘nossa, que coisa feia, ela está falando palavrão’. Aí o meu marido parou e começou a olhar para mim e eu falando toda empolgada. Aí, sabe quando assim, você... parece que cai a ficha do que está acontecendo. Eu estava meio fora de órbita, toda empolgada. Aí eu fui, parei e percebi que as mulheres estavam me olhando... Aí eu falei assim ‘agora eu não posso parar (risos), porque se eu parar, elas vão perceber que era porque elas estavam me olhando, né’. Eu continuei e meu marido está assim ‘você não tem jeito não, você não tem vergonha na cara não’. Aí eu falei assim ‘não uai, vou parar só porque elas estão me olhando?’” (torcedora 66).

De acordo com Elias e Dunning (1992), no dia a dia as pessoas, sob a ótica do trabalho, são submetidas ao controle de suas emoções e à impessoalidade das relações. Contudo, no estádio de futebol, durante o momento de lazer, é permitido que haja a fruição dessas emoções, o que gera excitação, prazer, alívio e catarse.

Novamente tomando como referência os estudos feministas e de gênero o espaço público, da rua, foi constituído como campo de vivência do masculino, enquanto o espaço da casa, do trabalho doméstico era tido como feminino. Aos homens cabia a identidade de macho, falar alto e ter uma

<sup>6</sup> A Pampulha é considerada um ícone da modernidade arquitetônica em Belo Horizonte nos anos de 1940. A região foi idealizada por Juscelino Kubitschek. O conjunto arquitetônico que compõe a região foi projetado por Oscar Niemeyer. Em meio a ruas arborizadas, nela está situada a Lagoa da Pampulha, o Mineirão e a Igreja São Francisco de Assis.



certa agressividade para marcar o seu espaço era necessário. Às mulheres, a docilidade, aparente fraqueza e submissão. Aqueles e aquelas que se afastavam dessa forma hegemônica de conceber a masculinidade e a feminilidade eram tidos como *diferentes*. Nesse sentido, o tempo e as vivências de lazer eram diferenciadas para ambos os sexos e, ainda hoje, essas permanências se constituem em alguns espaços de formação.

Nesse equipamento de lazer, o estádio de futebol, embora as entrevistadas tenham como hábito estar ali em dias de jogos do Cruzeiro, reconhecem que o Mineirão apresenta alguns problemas e isso, de certa forma influencia na sua relação com o estádio.

Todas as entrevistadas foram unânimes ao considerar a falta de higiene e de cuidados dos banheiros um dos principais problemas existentes no Mineirão, com a ressalva de que antigamente era pior. Entretanto, duas argumentaram que não adiantava investir em conforto do banheiro se o público frequentador do estádio não o conservar. Os bares e lanchonetes também foram alvo de críticas em relação as suas condições de higiene e qualidade dos alimentos.

Outro problema apontado foi a falta de segurança do estádio principalmente na bilheteria e na saída do jogo. Essas falas corroboram os dados apontados por Campos e colaboradores (2008), os quais constataram que a sensação de segurança dos torcedores era maior dentro do estádio do que em seu arredor, devido a um maior policiamento, o que não ocorre na saída do estádio e nem na bilheteria.

Entretanto, contrariando os dados supracitados que foram coletados majoritariamente com os homens presentes no estádio, a torcedora 177 não se sentiu insegura na bilheteria somente pelo fato de estar cheia, com pouco policiamento ou pelo risco de assalto, conforme apontam os resultados da referida pesquisa, mas por ter seu corpo abusado, uma forma de violência contra a mulher.

“Priscila, eu entrei na fila [da bilheteria], só tinha homem, mas aquilo eles me passaram a mão pra tudo quanto foi lado, mas eu estava ali, eu estava sujeita aquilo. E estou na fila, minha filha, aquela confusão, aquela multidão, aí quando olhei minha irmã em cima da árvore, chorando. Ela viu o tumulto que estava ali. Eu saí de lá da bilheteria parecia que eu estava debaixo de um chuveiro. Eu saí molhada de suor, mas comprei meu ingresso e o dela. Ela falou ‘não vou ficar aqui, não vou entrar’. Eu falei ‘vai. Depois de tudo o que eu sofri?! Que isso!’ Deveria ter um guichê só para mulheres. Porque hoje não, porque hoje a gente tem facilidade da internet e tal, mas nos tempos que eu ia, eu enfrentava fila, sabe, preconceito nunca assim de xingar e de falar, não. Mas assim, corre a mão na gente, a gente está sujeita a cair..., os outros dar um tapa e sobrar pra gente, e nem por isso eu deixava de ir, não, ta? Mas eu acho que deveria de ter um espaço para a mulher” (torcedora 177).

O sofrimento e o sacrifício pelos quais os torcedores e as torcedoras passam pelo seu time faz com que eles e elas sejam glorificados. De acordo com Silva (2001, p.112) “o sofrimento, sentido pelo corpo e marcado na memória, filia ainda mais o torcedor ao seu clube”. Dentro desse



contexto, podemos notar uma ambiguidade na fala acima. Ao mesmo tempo que a torcedora exalta o seu feito, isto é, a compra do seu ingresso sob as mais hostis das condições, ela solicita melhores condições para as mulheres. É como se o feito e o amor ao Clube diminuíssem o sofrimento e a tornasse mais torcedora dos que as torcedoras que não se sujeitam a essas condições.

Diante da concepção de que o estádio é um espaço para a vivência do masculino e que, desde a inserção das mulheres nesse local, elas deveriam estar acompanhadas de homens – pais, maridos ou irmãos – para serem respeitadas perante a sociedade, tais valores ainda são conservados pela sociedade. Dentro do estádio há um código velado dos espaços onde e como as mulheres podem ir. Nos locais impróprios a sua presença, elas ficam vulneráveis.

De acordo com Stahlberg (2009), nos estádios, os homens tendem a proteger as mulheres, desde que elas não descumpram os códigos de conduta preestabelecidos tacitamente. E completa afirmando que a assiduidade ao estádio faz com que elas reconheçam os espaços mais ou menos adequados a sua presença.

Reconhecemos aqui uma discussão importante tangenciada pelas afirmações de Mourão (1998) e Louro (2010), na qual a primeira afirma que a inserção das mulheres nos espaços masculinos deu-se por conciliação, já que ainda hoje os homens ditam os locais em que as mulheres podem transitar dentro do estádio. Em contrapartida, Louro, embasada em Michel Foucault, afirma que quando se trata de relações de exercício do poder, as práticas sociais estabelecem-se por meio de resistências, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças. Diante desses diferentes posicionamentos teóricos, esse estudo apontou que há uma tensão permante entre o direito das mulheres de irem ao estádio vivenciarem o seu lazer e o seu torcer e a concretização da vivência dessa experiência, uma vez que vários problemas da ordem de gênero influenciam esse momento, como veremos ainda no decorrer desse artigo.

Outro ponto a ser destacado junto às entrevistadas disse respeito a presença da violência física e simbólica em relação às mulheres. Definimos violência de acordo com os estudos de CAMPOS e colaboradores (2008) os quais afirmam que violência pode ser entendida como o conjunto de “[...] manifestações simbólicas ou físicas de um indivíduo ou grupo com o intuito de provocar, atingir ou ferir outros indivíduos ou grupos” (CAMPOS et. al. 2008, p.12).

Todavia, a maioria das entrevistadas teve uma visão reduzida da violência no estádio, associando-a a arrastões e brigas entre torcedores organizados, dessa forma, reconheceram a presença da violência física. Elas confirmaram esse discurso alegando que perto das torcidas organizadas há mais bagunça e mais tumulto.



Analisando as entrevistas foram poucas as torcedoras que consideraram a violência simbólica<sup>7</sup> como uma das formas de violência sofridas no estádio ou fora dele. Quando perguntadas se elas sofriam algum tipo de preconceito no estádio, uma das manifestações da violência simbólica, a maioria respondeu que não. Ao explicar o que estava sendo considerado como preconceito, desde as formas explícitas quando as veladas, elas afirmaram que sim.

O lócus do preconceito é o mais diverso e ocupa vários ambientes. É praticado por ambos os sexos, a partir do momento em que não reconhecem a ida ao estádio como um lazer também pertencente à mulher. Algumas torcedoras levavam na brincadeira e outras nem reconheciam que foram vítimas de preconceito. Aliás, deixar de reconhecer as violências sofridas tratando-as como *normais* e *naturais* faz com que elas sobrevivam nesse espaço. Poucas são as torcedoras que reconhecem o preconceito e o retruca, como aponta o depoimento abaixo.

“‘Nossa, você vai ao Mineirão?! Isso é coisa de homem’, ‘isso é coisa de homem, não é coisa de mulher’. Isso aí acontece sim, muito, não é uma nem duas. ‘Vamos sair hoje?’ ‘Ah, eu não vou não’, ‘por quê?’, ‘porque hoje eu vou no Mineirão’, ‘que isso? Você ao Mineirão?’, ‘eu vou! Vou ao Mineirão, sim’. O preconceito é dos dois. Ainda mais quando o homem não gosta de futebol, aí é muito pior... é muito pior! Quando o homem não gosta de futebol ‘Nossa! Você vai ao Mi-nei-rão? Que isso...’. Eu falo ‘uai gente, **eu vou... eu gosto, eu quero.** Eu vou, **eu posso**, deixa eu ir’. Então isso assim... fora tem muito, muito preconceito mesmo. E é geral” (torcedora 50, grifo meu).

Como observado em algumas entrevistas e demonstrado na fala acima, ainda é visto com estranhamento a mulher deixar de sair com as amigas, os amigos, familiares e namorados para ir ao estádio, como opção de lazer. Fato que não ocorre com o público masculino, já que, em nossa sociedade, sair com os amigos, jogar uma pelada, reservar a tarde de sábado ou o domingo para ir ao estádio é um comportamento *natural dos homens*, faz parte da sociabilidade masculina, como deixou escapar a mãe da torcedora 179.

“Nesse aspecto ela puxou o pai que podia ter o que fosse na família que ele não abria mão. Qualquer evento que tivesse. Ele ia para o jogo” (mãe da torcedora 179).

Notemos que mais uma vez a questão do que é referente ao homem e à mulher aparece na fala das torcedoras.

Como muitas vezes ocorre, as mulheres não têm o seu conhecimento e a sua opinião acerca do futebol, dos jogadores e das jogadas respeitados. Elas precisam estar sempre certas.

---

<sup>7</sup> De acordo com Bourdieu (2007), a violência simbólica surge como forma de exercer o poder simbólico. Segundo o autor, o poder simbólico corresponde ao universo dos símbolos que representam e constroem a realidade na qual estamos inseridos. Os sistemas simbólicos cumprem uma função política de instrumento de imposição ou de legitimação do discurso dominante. A violência simbólica corresponde ao poder de impor a ordem estabelecida como natural por meio de sistemas de classificações ideológicas sobre o discurso. Ainda segundo o autor, “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência da palavras” (BOURDIEU, 2007, p.15).



Implicitamente há um baixo limite de tolerância ao que pode ser dito, pois, ultrapassando esse limite, elas passam a não ser ouvidas.

Segundo Stahlberg (2009), no futebol, em situações semelhantes, a tolerância aos erros cometidos pelos homens é maior em detrimento aos das mulheres. O fato de ser mulher faz com que ela esteja constantemente sujeita às provações e reafirmações da legitimidade de seus comentários.

Outro fato marcante na fala de uma das torcedoras foi o fato dela ser chamada de maria-chuteira<sup>8</sup> quando estava no hall do estádio pleiteando autógrafa dos jogadores. Há, por parte de muitas pessoas, uma associação entre a presença da mulher no estádio e sua atração sexual por um jogador, o que enaltece a masculinidade e virilidade dos jogadores e, por identificação, a dos torcedores. Em um espaço onde há a necessidade de identificar, isolar e conter a homossexualidade masculina (SOUZA, 1996), em nenhum momento cogita-se que também pode haver homens no estádio que prestam atenção não só no jogo, mas também nos atributos físicos e econômicos (por que não?) dos jogadores.

Nesse sentido, segundo Sampaio (1985)<sup>9</sup>, citado por Souza (1996, p.146), os meios de comunicação procuram

[...] mostrar ao grande público que o futebol, 'esporte de macho', é uma instituição séria, com uma moral rigorosa. O jogador é sempre mostrado com seus familiares, no seu dia-a-dia, para que haja identificação da parte do torcedor.

Assim, há uma exacerbação da heterossexualidade e, ao mesmo tempo, um silêncio sobre a homossexualidade masculina nesse espaço. Quando o homem se aproxima dos jogadores de futebol para tirar foto ou pedir para que autografem a sua camisa, a conotação social do ato é de que estão próximos de seus ídolos, seus heróis ou talvez de um ideal do que gostariam de ter sido (afinal, no imaginário popular, que homem nunca sonhou em ser um jogador de futebol?), e não de uma figura masculina desejável.

Por fim, outra forma de preconceito enfrentado pelas mulheres que frequentam o estádio foi em relação a roupa utilizada. Ir de sandália, calça jeans apertada ou uma blusa que não seja a do time e expresse uma feminilidade hegemônica é algo visto com estranhamento, já que isso implica diretamente na representação social do tipo de torcedora que pretende ser reconhecida ou da imagem que não se pretende demonstrar.

<sup>8</sup> No imaginário popular as marias-chuteiras são representadas por aquelas mulheres que, *a priori*, não têm interesse pelo jogo, apenas pelos jogadores, tornando-se uma figura mal vista e não digna de respeito perante a população.

<sup>9</sup> SAMPAIO, Nadja. O esporte na televisão. In: DIEGUEZ, Gilda Korff (Org.). *Esporte e poder*. Petrópolis: Vozes, 1985, p.66.



O que se verifica nessa relação é que algumas torcedoras, na tentativa de se legitimarem nesse espaço conseguindo o aval e o respeito, principalmente, dos homens, buscam a sua diferenciação reforçando estereótipos e preconceitos outrora criados pelos homens e introjetados e reforçados pelas próprias mulheres.

Ao longo da história do futebol houve uma mudança de significado dado a tal prática. Antigamente os homens e as mulheres iam para o campo, como se estivessem indo para um acontecimento social. Assim, as mulheres utilizavam seus vestidos, chapéus, luvas e tudo o mais que representava ser mulher dentro da sociedade da época.

Atualmente, o vestuário é pautado no modelo masculino. Às mulheres é permitida certa dose de feminilidade, expressadas em acessórios, bijuterias ou maquiagens discretas de modo que possam ser mais respeitadas ou camufladas em meio à multidão. Com isso, ampliam o seu acesso e o direito de pertencer a esse local. As que estão mais próximas aos padrões de feminilidade hegemônica, por opção ou por não conhecerem os códigos locais, recebem o constrangimento verbal e simbólico tanto dos homens como das próprias mulheres. Talvez essa violência e, mais, a dificuldade de assimilar os códigos locais fazendo-as abrir mão da sua performatividade façam com que muitas mulheres não voltem ao estádio.

De acordo com Bourdieu (1995), toda vez que uma pessoa se julga dentro de uma categoria estabelecida pela visão dominante, ela aplica e reforça em si mesma a naturalização daquilo que foi socialmente construído. Assim, o estádio de futebol tem, implicitamente, um código de conduta criado pelos homens e também reforçado pelas mulheres que estabelece “[...] quão femininas as mulheres podem ser” (STAHLBERG, 2009, p.158). Tal código propicia uma distinção entre as torcedoras. O que elas não percebem, porém, é que tal distinção acaba gerando classificações, normalizações, hierarquizações e relações de poder que contribuem para que a ordem das coisas seja mantida. Nesse caso, de que o estádio continue sendo um espaço de sociabilidade masculina no qual a mulher precisa pedir licença para entrar e se contentar com alguns de seus pedaços.

Ao adotar como referência a forma de torcer masculina, as mulheres acabam reforçando uma visão unívoca do que é ser uma torcedora dificultando a sua apropriação e inserção legítima nesse espaço e desconsiderando que existem várias formas de torcer e de manifestar o pertencimento clubístico.

Como podemos observar, as falas das torcedoras, bem como as análises ajudam a demonstrar o tão (in-)tensa é a relação das mulheres com o estádio. Ao mesmo tempo em que buscam o seu espaço, acabam reforçando normas sociais existentes.



Como vimos, para muitas mulheres o estádio de futebol é um espaço para vivenciarem o seu lazer e expressarem o seu torcer pelo Cruzeiro, entretando a maternidade, o casamento e a dupla jornada de trabalho fazem com que, em alguns momentos, elas abram mão desse espaço e desse direito por não conseguirem conciliar as suas tarefas de mãe, trabalhadora e cidadã.

Para muitas delas torcer representa uma forma de expressar o seu sentimento pelo Clube e o estádio é o espaço propício para a liberação dessa emoção, assim, elas cantam, vibram, pulam e falam palavrão. Nesse local, pela ação do anonimato, elas se despem de algumas representações sociais do que se espera de uma mulher, já que na narrativa convencional adota-se uma das formas de feminilidade para definir a feminilidade em geral (LOURO, 2010).

Outro fator que ficou evidente foi o exercício de poder nesse espaço, uma vez que as mulheres ao argüírem seus direitos de frequentar um estádio que ofereça condições de higiene e segurança sofrem constrangimentos físicos e/ou simbólicos para deixarem de estar ali. Segundo Louro (2010, p.40) embora “as mulheres (e também os homens que não compartilham da masculinidade hegemônica) tenham, mais frequente e fortemente, sofrido manobras de poder que os constituem como o *outro*, geralmente subordinado ou submetido – tais manobras não os/as anularam como sujeitos”. Dessa forma, acreditamos que haja durante o momento do jogo negociações, alianças, revoltas, silenciamentos, resistências para que homens e mulheres frequentem o estádio.

Como dito anteriormente, este estudo apontou que há uma tensão permante entre o direito das mulheres de irem ao estádio vivenciarem o seu lazer e o seu torcer e a concretização da vivência dessa experiência, uma vez que vários problemas da ordem de gênero influenciam esse momento.

### *Bibliografia*

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, p.133-184, jul./dez. 1995.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 10ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CAMPOS, Priscila A. F.; MELO, Marcos de A.; ABRAHÃO, Bruno O. L.; SILVA, Silvio R. As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.30, n.1, p.9-24, set. 2008.

DAÓLIO, Jocimar. A violência no futebol brasileiro. Termo In: Daólio, Jocimar. *Cultura, educação física e futebol*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p.111-8.



- ELIAS, Norbert; DUNNING, Erik. A busca da excitação no lazer. Termo In: Elias, Norbert; Dunning, Erik (Orgs.). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p.101-85.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GOELLNER, Silvana V.; FIGUEIRA, Márcia L. M.; DERÓS, C. C.; OLIVEIRA, Caroline C. Lazer e gênero: considerações iniciais a partir da experiência do Programa Esporte e Lazer na Cidade. Termo In: Fraga, Alex B. (Org.). *Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos*. Porto Alegre: Gênese, 2009, p.53-61.
- MOURÃO, Ludmila. *A representação social da mulher brasileira na atividade física desportiva: da segregação à democratização*. 1998. 322f. Tese (Doutorado em educação física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- PIMENTA, Carlos A. M. *Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação*. Taubaté: Vogal, 1997.
- SILVA, Silvio R. *Tua imensa torcida é bem feliz: da relação do torcedor com o clube*. 2001. 130p. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SOUZA, Marcos A. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.6, n.7, p.109-52, 1996.
- STAHLBERG, Lara T. Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero. In: Toledo, Luiz H.; Costa, Carlos E. (Orgs.). *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009, p.141-66.